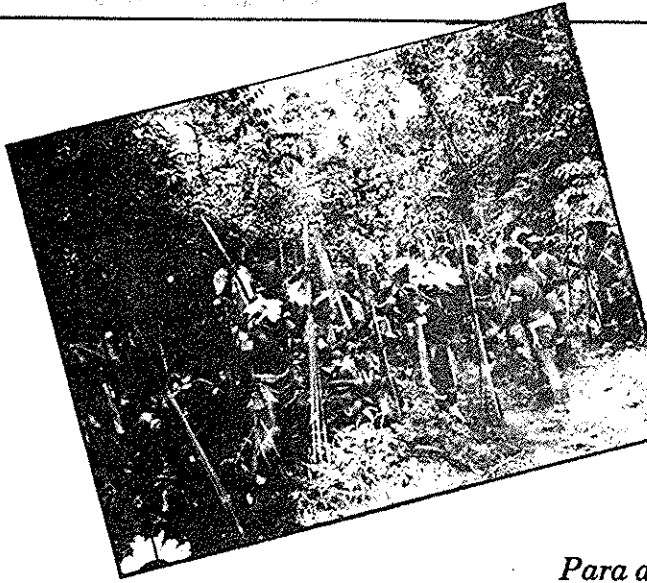


BRASÍLIA, 26/4/87

Domingo



Festa do Milho

Para agradecer a boa colheita do milho, produto de subsistência dos índios, diversas tribos da região do Parque Grande Aripuanã, em Rondônia comemoraram o Dia do Índio com uma grande festa. Dança, canto e muita comida atraíram os habitantes de Ji-Paraná e outras cidades próximas e além do milho, comemorou-se a homologação de algumas terras que mesmo tendo sido demarcadas para os índios, foram invadidas por posseiros e

especuladas, além de terem suas reservas naturais ameaçadas. A mistura entre os brancos e os índios resultou em quatro dias de convivência pacífica e troca de experiências e até uma transmissão de cargo (coisa comum na Brasília dos brancos) foi festejada pelos índios, que perderam um bom cacique em uma das aldeias e ganharam um "procurador-geral", que pode até compensar a falta de um representante na Constituinte.

Comemoração durante quatro dias

Foto Ivaldo Cavalcante

Cláudio Ferreira

Pintados de preto, a cor da festa, os Zoró passam quatro dias festejando a colheita do milho. Apesar da festa estar atrasada dois meses, a animação foi muita, mais por causa da reunião das várias tribos da região do Aripuanã do que pelo milho, propriamente dito. As comemorações atraem grande número de curiosos das cidades vizinhas e noômputo geral, a festa tem mais branco do que índio. Para os índios Gaviões, que também participam da festa, uma comemoração a mais: a transmissão do cargo do cacique da tribo — sai o chefe Catarino e entra seu irmão Alberto.

O burburinho é grande nos quatro dias de festa, que ocorre na aldeia de Nova Colina, a dez minutos de avião (bimotor) de Ji-Paraná, em Rondônia. Os habitantes das redondezas, em sua maioria colonos gaúchos, catarinenses e paranaenses, vêm de todos os lados para verem os Zorós, Arara, Surui, Gaviões, Cinta-Larga e Mequem. Caminhões, peruas e ônibus trazem os curiosos que se encam com as redes, as casinhas de taipa e os micos amarrados com cordas e tratados como animais domésticos.

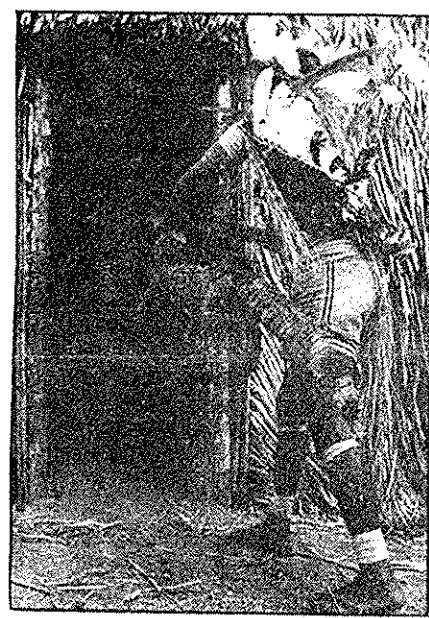
Para a transmissão de cargo dos Gaviões, os Zorós matam duas vacas doadas pela Funai, um porco selvagem e alguns jacarés, que serão dados como presente para o novo chefe da tribo. O ritual assusta um pouco os presentes, principalmente pela velocidade com que as flechas atingem uma das vacas, abatendo o animal em poucos minutos. O abate se dá na entrada de uma trilha de 4 Km que conduz à aldeia, pronta para receber o imenso grupo de visitantes. Sabe-se depois que toda esta transmissão de cargo, em que o chefe Catarino passa o comando para seu irmão Alberto é uma solenidade oficial, pois há seis meses o novo cacique já governa, enquanto que Catarino virou um procurador dos interesses dos índios da região junto à Funai.

Canto e dança sempre estão intimamente ligados com a imagem que se faz dos índios brasileiros e a Festa do Milho tem um pouco disso. Os homens mais jovens dançam no meio da aldeia, ainda não totalmente construída e tocam enormes flautas feitas de bambu. O canto foi exercitado desde o abate da vaca, como uma satisfação pelo feito e ao trazerem os jacarés ainda vivos para perto da maloca principal, os índios também cantam. Mas o espetáculo dura pouco, porque é preciso "moquear" a carne, num processo que conserva a comida por meses e pode-se dizer que a presença dos brancos, em grande quantidade, tire um pouco da intimidade dos ritos. Durante toda a festa, observa-se uma nítida divisão social: os homens são os elementos participantes dos rituais e as mulheres, cabe o trabalho — cuidar das crianças, plantar, fazer comida — e uma posição de retaguarda nas comemorações.

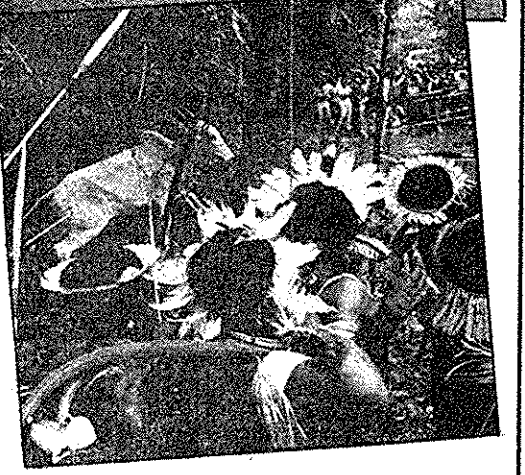
Estas comemorações amplamente divulgadas pela Funai, têm surtido interesses às vezes indesejados pelo órgão do governo. Durante a Festa do Milho, uma equipe de produção independente, chegou à aldeia de Nova Colina somente com uma suposta autorização verbal do escritório da Funai no Rio de Janeiro para rodar um documentário sobre as tribos do Aripuanã. Os funcionários da Funai não permitiram as filmagens, pois não conheciam a finalidade do documentário. Ressentido, o grupo explicou porque estava ali: o vídeo destinava-se ao mercado americano e a tristeza da equipe se baseava na quantidade de dólares que perderiam com a interrupção da produção.

No contato com o homem branco, se os índios não têm ainda a malícia de discernir o que é bom para eles, pelo menos já sabem como agradar o "cara-pálida". A curiosidade dos habitantes das cidades de Rondônia presentes às festividades desta semana foi aguçada pela "xixa", uma cachaa típica dos indígenas da região. A curiosidade, pouco depois, foi suplantada por uma sensação de mal-estar: descobriu-se que no preparo da bebida, usa-se o milho colhido na última safra, mastigando-o e cuspiendo-o de volta, para que a fermentação da saliva produza o sabor típico da xixa. Além da bebida, um "churrasco" tipicamente indígena atraiu a assistência da festa e colares e pulseiras de dentes de macacos, vendidos a preços nem sempre módicos.

Além de participantes, os brancos que participaram da Festa do Milho dos Zoró também foram homenageados. Foi o caso de Cantídio Guerreiro, assessor da Funai, que ao se despedir de um trabalho de dez meses na luta da demarcação das terras indígenas, foi saudado pelos líderes das diversas tribos e presenteados com valiosos — em termos sentimentais — colares e flechas. Cantídio foi saudado principalmente por ter trabalhado para que a pintura preta dos Zoró, não fosse substituída pelo vermelho, a tinta da guerra.



Canto e dança também estão presentes na festa. Os homens mais jovens dançam no meio da aldeia e tocam enormes flautas. O canto é exercitado desde o abate da vaca, como uma satisfação pelo feito e ao trazerem os jacarés ainda vivos para a maloca. O espetáculo é curto, porque é preciso moquear a carne e a festa continua com outras atrações



Outra vitória.

Homologação acaba com o conflito agrário

Além de agradecer ao destino pela boa colheita do milho este ano, os índios das diversas tribos localizadas no Parque Grande Aripuanã também comemoraram uma outra vitória: a assinatura de um decreto pelo Presidente Sarney homologando as terras que haviam sido demarcadas para os Zoró. Em princípio, a homologação acaba com um conflito agrário que já dura mais de cinco anos e as 126 famílias que ocupam indevidamente a área serão indenizadas e retiradas da reserva indígena dentro de pouco tempo.

O problema dos índios Zoró, Cinta-Larga, Surui e Gaviões com os posseiros da região de Ji-Paraná e toda a bacia do Rio Machado começou em 1981, quando uma estrada foi aberta na região demarcada para os Zoró, atendendo a um pedido dos fazendeiros da região e a Funai, de boa-fé — como explica Cantídio Guerreiro, um de seus assessores — permitiu que os próprios fazendeiros controlassem a circulação na estrada. De lá para cá, a especulação de terras e as invasões nas margens destas vias aumentaram assustadoramente, chegando os posseiros a 12 quilômetros da aldeia dos Zoró. O próprio governo do Mato Grosso facilitou as coisas, expedindo títulos de posse de terra na área demarcada pela Funai.

A reação dos índios, diante da invasão de suas terras só não foi mais violenta porque o chefe dos Gaviões, de nome Catarino, serviu de intermediador entre as tribos, a Funai e os posseiros. Catarino passou pelas autoridades no PI (Posto indígena) de Lourdes, onde se localiza a aldeia, pelas representações da Funai em Ji-Paraná e Cuiabá e só teve uma promessa

de resolução do seu problema quando veio a Brasília falar com o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto e com o próprio presidente Sarney. As autoridades se assustaram quando Catarino deu um prazo de 21 dias para uma solução concreta: ou as terras eram homologadas ou haveria muito derramamento de sangue.

Como o problema só poderia ser resolvido pelo Executivo, somente no dia 11 de março o decreto de homologação do território Zoró foi assinado. De um total de quase 8 mil "brancos" transitando pela área, descobriu-se que a maioria era de especuladores, gente que atraiu agricultores do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo e venderam como suas as terras do Estado. Instaladas na área indígena, a Funai encontrou 126 famílias, que serão indenizadas pelas benfeitorias dos lotes e transferidas. Os "incantuos", que compraram terras pensando estar fazendo um bom negócio, não entram nas indenizações e perderão o direito adquirido.

A experiência com os invasores e a solução, conseguida através da união das várias tribos que estão no Parque do Grande Aripuanã, pode levar os índios da área a formarem uma espécie de "ONU" indígena. Neste primeiro conflito, a união se deu por falta de opções, pois as várias tribos têm graus diferentes de contato com o homem branco e o chefe Catarino é um dos únicos que domina a língua portuguesa. As negociações entre os índios e a Funai pediram que chefes como Agamenon (dos Araras) e Pio (dos Cinta-Largas) usassem do arco e flecha para retomarem suas terras e Catarino, o «embaixador dos

índios» se descompatibilizou do cargo para poder tratar melhor dos assuntos referentes a cada nação indígena.

Apesar de toda esta organização e do empenho da Funai em regularizar as terras dos índios, os interesses econômicos ainda predominam sobre o direito das tribos. Cantídio Guerreiro, superintendente da 2ª Região da Funai, que compreende Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e uma parte de Rondônia, diz que a região do Aripuanã é rica em madeira e minérios e a exploração destas riquezas tem levado à devastação de boa parte dos recursos naturais. Sobrevoando-se a área, nota-se o efeito destas atividades predatórias desmedidas: imensas clareiras denunciam a presença dos posseiros e ao índio, só resta unir-se para preservar o que lhe resta. Os próprios caciques reconhecem que a Funai, dentro da crise econômica nacional, não tem dinheiro para ajudá-los em todas as suas necessidades e além de um cuidado maior do governo em relação às terras, pedem auxílio para a manutenção das aldeias, para o transporte dos doentes e principalmente, para uma preparação maior nos confrontos com o homem branco.

E para quem pensa que o confronto é uma abstração, uma notícia colhida em Cuiabá leva a crer que será preciso muita preparação por parte dos índios: uma hidrelétrica projetada para o Rio Machado, que corta grande área do Parque Grande Aripuanã pode tomar 10% do território Zoró. O represamento das águas atingiria também as terras dos Gaviões e Arara e se o governo não cuidar logo da retirada das famílias dos invasores, os índios podem se ver «espremidos» entre o progresso dos brancos e a exploração econômica.

